

Resenha

Entre “*Elogio ao Amor*” e a crise dos afetos

Between “*Elogio ao Amor*” and conjuncture of the affections

Edna Caroline Alexandria da Cunha Oliveira¹

Universidade Federal do Sergipe

Submetido em 18 de setembro de 2016.

Aprovado em 07 de outubro de 2016.

[...] o telefone continuava tocando.
 atendi.
 “alô?”
 “EU TE AMO”, ela disse.
 “obrigado”, eu disse.
 “é tudo o que você tem pra me dizer?”
 “sim.”
 “vá à merda”, ela disse e desligou.
 o amor se esgota, pensei [...]

(BUKOWSKI, C. O fim de um breve caso.
 In: **O amor é um cão dos diabos**. 2016. p.43-45).

Elogio ao Amor (2013), de autoria do filósofo e do jornalista, Alain Badiou e Nicolas Truong, respectivamente, relata em textos curtos as possíveis ameaças que colocam em risco a existência do amor verdadeiro atualmente.

De modo geral, os sentidos do texto prosseguem para o entendimento de que o amor contemporâneo é, na verdade uma contra-experiência, sendo o amor uma confiança depositada no acaso, ou seja, basta entregar-se e confiar no outro o seu bem-estar próprio. Ao constatarmos que na sociedade globalizada o interesse individual sobrepõe a satisfação do outro, não seria essa entrega uma conduta arriscada?

O livro parte das concepções sobre o amor romântico, citando a ênfase do encontro entre os enamorados. Em seguida, através de uma peça publicitária racionaliza

¹ Mestranda em Letras Estudos Literários. Desenvolve projeto de pesquisa sobre a relação amor/desamor e a crise dos afetos nos tempos ditos pós-modernos. Bolsista CAPES. E-mail: carolalexandria@yahoo.com.br

a relação amorosa, traduzindo-a em contrato, ou seja, a união entre amantes é válida somente mediante acordos jurídicos. Trata-se de um combinado entre dois indivíduos livres declarando que se amam, mas que estão atentos à igualdade da relação, ao sistema de benefícios recíprocos. Presume-se que o amor verdadeiro, segundo Badiou & Truong, se constitua da união entre duas pessoas que geram um filho, ou seja, uma história baseada em sujeitos diferentes que se predispõe na construção de vínculo e na dedicação de um para o outro, em intensidades e medidas não calculadas. “Penso que o amor é isso [...] mas inclui também mil outras coisas, na verdade qualquer coisa, uma vez que se trata de viver uma experiência (BADIOU; TRUONG, 2013, p.20).

Para os autores, o amor é um sentimento ético e real quando vive a experiência da alteridade, ao aceitar o outro pelo que ele é, com seus defeitos e cultura específica. Mas isso não quer dizer que o amor seja visto como uma “experiência oblativa” na qual um indivíduo renuncia a si mesmo, sacrificando-se para satisfazer as necessidades do outro. Ambos devem ser beneficiados, sem renegar-se a si próprio. De fato, Badiou & Truong explicam que o amor não leva ninguém nem para o alto, nem para baixo:

Trata-se de uma proposta existencial: construir um mundo de um ponto de vista descentrado em relação à minha mera pulsão de sobrevivência ou de meu interesse bem compreendido [...] mas no próprio mundo tal como ele é, que aquela que eu amo vê o mesmo mundo e que essa identidade faz parte do mundo, e o amor é justamente, nesse exato momento, o paradoxo de uma idêntica diferença, então o amor existe e promete continuar existindo [...] (BADIOU; TRUONG, 2013, p.21-22).

No capítulo *Os filósofos e o amor* (p.15-23), os autores destacam a figura de Arthur Schopenhauer como representante da filosofia anti-amor ou desamor, visto dessa forma porque pelo amor garantiu a perpetuação da espécie humana que também não vale nada. Em outro polo, Soren Kierkgaard define o amor nos estágios estético e ético, sendo o primeiro relacionado à sedução e ao egoísmo do prazer individual, ficando o amor ético para definir o amor verdadeiro. O que seria esse amor verdadeiro? Para Kierkgaard, segundo os autores, trata-se de um compromisso eterno voltado para o absoluto, transição para o estágio supremo caso este amor seja selado pelo casamento (amor religioso). Dessa forma, o amor atinge o supra-humano.

Platão vê no impulso amoroso um germen universal que faz da experiência amorosa um norte à construção do amor-ideia. Posição contrária amplamente difundida

no mundo atualmente cuja convicção é a de que cada um segue apenas seu próprio interesse.

No amor, o sujeito procura abordar o ser do outro. No sexo, ele está no fim das contas, em relação consigo mesmo, com mediação do outro. O outro serve para que ele descubra a realidade do gozo. No amor, em contrapartida, a mediação do outro tem valor em si. O encontro amoroso é isso: você sai em busca do outro para fazê-lo existir, tal como ele é. Por esta medida, então vale dizer que o amor não nasce depois do sexo, nem está relacionado a ele. O amor nasce da convivência, da troca mútua entre ambos amantes. Logo, o amor-ideia do qual se refere Platão seria alguma coisa que permanece nesse vazio, ou seja, no sentido de que os amantes estão ligados por algo situado além dessa relação que não existe. Esse é o amor verdadeiro e que define a essência humana, ou, “o amor é dos deuses o mais antigo, o mais honrado e o mais poderoso para a aquisição da virtude e da felicidade entre os homens, tanto em sua vida como após sua morte” (PLATÃO, 1970, p.110). As emoções que sentem, de amizade, intimidade e amor são intensas e recíprocas ao ponto de um não querer se separar do outro, nem por um pequeno momento. Um gosta da companhia do outro, conforme diálogo de Platão em *Agatão*:

Digo eu então que de todos os deuses, que são felizes, é o Amor, se é lícito dizê-lo sem incorrer em vingança, o mais feliz, porque é o mais belo deles e o melhor. Ora, ele é o mais belo deles e o melhor. Ora, ele é o mais belo por ser tal como se segue. Primeiramente, é o mais jovem dos deuses, ó Fedro. E uma grande prova do que digo ele próprio fornece, quando em fuga foge da velhice que é rápida evidentemente, e que em todo caso, mais rápida do que devia para nós se encaminha (...) com os jovens ele está sempre em seu convívio e ao seu lado; está certo, com efeito, o antigo ditado, que o semelhante sempre do semelhante se aproxima. (...) É então o mais jovem, o mais delicado, e além dessas qualidades, sua constituição é úmida. Pois não seria ele capaz de se amoldar de todo jeito, nem de por toda alma primeiramente entrar, despercebido, e depois sair, se ele fosse seco. Sendo úmido, mole, Amor cede à pressão, adapta-se; ao contrário, sendo seco, não se adapta e não adquire forma conveniente (PLATÃO, 1970, p.137).

No capítulo seguinte, intitulado *A construção amorosa* (2013, p. 23-29), Badiou & Truong apontam que no amor temos um *Dois*, ou seja, o amor trata, antes de mais nada de um Dois, “o segundo aspecto é que, justamente por tratar de uma disjunção, no momento em que esse Dois vai se mostrar, entrar em cena enquanto tal e experimentar o mundo de um jeito novo, ele só pode assumir uma forma aventureira ou contingente. É o que chamamos de encontro” (BADIOU; TRUONG, 2013, p. 23). O amor nasce do encontro entre duas diferenças. Os autores citam o exemplo do clássico *Romeu e Julieta*

cujos enredos evidenciam rivalidades e mundos inimigos entre suas famílias. Desse modo, “o amor não é simplesmente o encontro e as relações fechadas entre dois indivíduos, e sim uma construção, uma vida que se faz, já não mais pelo prisma do *Um*, mas pelo prisma do *Dois* [...] o amor não se resume ao encontro, mas realiza-se dentro da duração” (BADIOU; TRUONG, 2013, p.24). Para os autores, O amor verdadeiro é aquele que triunfa de maneira duradoura, às vezes duramente, os obstáculos apresentados pelo espaço, pelo mundo e pelo tempo.

Outra ideia errônea ao se pensar no amor presente neste capítulo, é associá-lo ao casamento e a escolha em ter filhos. Pensar que o amor se conclui ou se realiza exclusivamente na criação de um universo familiar não é satisfatória. O amor não pode ser reduzido a isso. Além disso, não se pode dizer que o nascimento de um filho é a realização do amor. Badiou & Truong enfatizam a existência do amor é calculada pela duração e intensidade. Para eles é necessário entender que o amor inventa uma forma diferente de durar ao longo da vida. O amor é uma reinvenção da vida. E reinventar o amor significa reinventar essa reinvenção.

Mais um argumento para se pensar sobre o que não seja amor é não levar em consideração a declaração de “eu te amo”. De certo, é necessário dizê-la porque sela o evento do encontro, é fundamental, compromete. No entanto, os amantes devem ficar atentos às juras de amor, principalmente nos momentos de intimidade sexual, pois, “entregar o próprio corpo, despir-se, ficar nu para o outro, cumprir os gestos imemoriais, renunciar a todo pudor, gritar, toda essa entrada em cena do corpo é prova de um abandono ao amor” (BADIOU; TRUONG, 2013, p. 27). O amor pode enganar quando requer a prova de sua existência através do desejo carnal:

A cerimônia dos corpos é o penhor material da palavra, é por onde passa a ideia de que a promessa de uma reinvenção da vida será mantida, e no nível dos corpos para começar. Os amantes sabem, porém, mesmo em meio ao mais violento delírio, que o amor está ali, como um anjo da guarda dos corpos, ao despertar, de manhã, quando desde a paz sobre a prova de que os corpos ouviram a declaração de amor. Eis porque o amor não pode ser uma simples roupagem do desejo sexual, uma artimanha complicada e quimérica para que se cumpra a reprodução da espécie (BADIOU; TRUONG, 2013, p. 28).

Por fim, no capítulo *O amor ameaçado* (2013, p. 11-15), a primeira colocação que os autores fazem é se questionar o porquê, ou, por quem e por quais motivos o amor se encontra ameaçado. A propósito, este capítulo ficou por último justamente para enfatizar que o amor que “acaba a qualquer hora, por qualquer motivo, também

recomeça em todos os lugares, e, a qualquer minuto o amor acaba” conforme versos em prosa da crônica *O amor acaba*, de Paulo Mendes Campos, extraído do livro homônimo.

Para tratar sobre o capítulo *O amor ameaçado*, Badiou & Truong remetem-se ao fragmento de Arthur Rimbaud *O amor deve ser reinventado*, “não somente ser reinventado como também simplesmente defendido porque tem sido ameaçado de todos os lados. Ameaçado, inclusive, pelos casamentos arranjados que hoje adotaram novas roupagens” (BADIOU; TRUONG, 2013, p. 14). Uma primeira ameaça ao amor está relacionada ao casamento arranjado. Arranjado não por parentes despóticos, em nome da ordem familiar, e sim em nome da segurança pessoal, mediante um acordo prévio. A segunda ameaça que pesa sobre o amor é a de negar-lhe toda e qualquer importância. “A contrapartida dessa ameaça securitária consiste em afirmar que o amor não passa de uma variante do hedonismo generalizado” (2013, p. 13), ou seja, ligado à satisfação plena do desejo de um ou de ambos. Consiste em relacionar a paixão aos arranjos de bem-estar do consumo, deste ângulo sim, “o amor, no mundo tal como ele é, acaba sofrendo essa pressão, esse cerceamento e, nesse sentido, está ameaçado” (2013, p. 13). Logo, “é necessário reinventar o risco e a aventura, em oposição à segurança e ao conforto” (2013, p. 14).

Em tempos pautados pelo consumismo e efemeridade das coisas, cujos laços se fazem e se desfazem em nome de uma libertinagem, o amor verdadeiro se encontra em uma linha tênue de extinção. Uma dessas possíveis ameaças está em acreditar que para vivenciar uma experiência amorosa é necessário impor condições. Badiou & Truong (2013) apontam que uma possível interferência está em associar o amor à segurança: ao casamento combinado, por interesses, mediante acordo prévio, por exemplo. Segundo os autores, o amor – por acaso – acontece quando ambos sujeitos amantes se dispõem à entrega desprovida de intenções, quando se colocam ao risco de interessar-se pelo outro do jeito que este se apresenta. O amor verdadeiro requer predisposição a esse risco.

Outro possível fator que colabora ao desgaste da existência do amor está em associá-lo à prática hedonista, ou seja, pensar que se deva realizar os desejos, prazeres e satisfações individuais, em detrimento das vontades do outro. Desse modo, quando um está satisfeito de suas necessidades deixa o outro vulnerável ao descarte. De fato, “se você estiver bem preparado para o amor, de acordo com os modernos cânones de segurança, vai saber mandar passear aquele outro que não se adequar ao seu conforto”

(2013, p. 24). Se um sofre, o problema é desse um, não é mesmo? Assim, como dito anteriormente, o amor não se resume ao encontro, mas realiza-se dentro da duração.

As relações amorosas na pós-modernidade vivem um paradoxo: enquanto existem pairam ao fracasso, “dissolvendo seu passado à medida que prossegue, não deixa trincheiras onde possa buscar abrigo em caso de emergência. E não sabe o que está pela frente e o que o futuro pode trazer” (BAUMAN, 2004, p. 23). Neste contrassenso, a experiência do amor é semelhante ao pagamento de fiança diante de um futuro incerto do qual não se podem penetrar tão pouco compreender. Na maioria dos casos, o amor geralmente é confundido com outros sentimentos. É possível que alguém se apaixone mais de uma vez, acreditando que pode apaixonar-se e desapaixonar-se com facilidade.

No contexto contemporâneo ocidental é comum as pessoas chamarem de amor mais de uma de suas experiências de vida. Bauman vê nestas sociedades a não garantia que o amor que atualmente vivenciam sejam o último e veem expectativa de viver outras experiências como essa no futuro. As transformações sociais recorrentes no século XX têm contribuído para a diluição (efemeridade) nos relacionamentos amorosos. A noção do casamento eterno, por exemplo, cuja separação somente pela morte perde sustentação. O conjunto de experiências às quais nos referimos com a palavra amor expandiu-se muito. Logo, noites avulsas de sexo são traduzidas pelo codinome de “fazer amor” (BAUMAN, 2004):

Em uma cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação imediata, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço (BAUMAN, 2004, p. 22).

Logo, uma definição mais adequada para o amor na contemporaneidade é associa-lo ao desejo. Desejo de possuir. Desejo como vontade de consumir. “Desejo de absorver, devorar, ingerir, digerir, aniquilar (...) é uma compulsão a preencher a lacuna que separa da alteridade, na medida em que esta acena e repele” (BAUMAN, 2004, p. 23), uma contradição entre o querer e o não-querer, entre o deixar ir e querer ficar. Dualidade de vontades. O desejo parece ser preponderante nos tempos atuais. O compromisso a longo prazo se torna cada vez mais curto, efêmero e imediato. Construir

um relacionamento é custoso e requer investimento: requer tempo, dinheiro, dedicação, renúncia, esforços. No amor, o amante desnuda sua essência, acreditando estar fazendo a escolha certa e espera o retorno do parceiro na mesma intensidade. Proposta inadequada à pós-modernidade, tendo em vista que quando se entra num relacionamento, as promessas de compromisso são irrelevantes a longo prazo. Investir no amor é um risco a correr.

Diante de tais argumentos, percebe-se que *Elogio ao Amor* é referência obrigatória nestes tempos sombrios, incertos, de culto ao individualismo e cultura consumista. Tal leitura favorece diálogos necessários ao contexto cultural o qual estamos inseridos, conduzindo-nos ao autoconhecimento, relativizando situações e permitindo reflexões inerentes à condição humana: o amor, tema universal.

Referências

BADIOU, A; TRUONG, N. *Elogio ao amor*. Tradução Dorothée de Bruchard. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

PLATÃO. *O banquete ou do amor*. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. p.101-176.